

PLAY! A AVENTURA COMEÇOU! CINEMA, EDUCAÇÃO FÍSICA, INFÂNCIA: UMA EXPERIÊNCIA NA ESCOLA

Tayane Mockdece Rihan*
Cláudia Xavier Correa**

Resumo

O presente trabalho se propõe refletir relações de gênero na infância, a partir de uma narrativa fílmica. A experiência explorou uma película, conhecida por “Valente”. Objetivou mostrar como um produto cultural pode ser pensado para além de interpretações e de representações de corpo, infância e gênero. A produção traz uma princesa que foge aos padrões e comportamentos esperados de uma menina da realeza. Meninas de uma nova geração? A partir deste eixo foram propostas quatro sequências de atividades para as aulas de educação física: conhecendo, contando, representando e experimentando “Valente”. Nestes momentos distintos, as crianças expressaram e relataram, espontaneamente, suas observações acerca do filme. Observa-se espaço para a nova geração de meninas e meninos, na qual as barreiras de gênero já não restringirão as opções, os comportamentos, e as oportunidades destas. Bem-vindos arqueiros e arqueiras do século XXI.

Palavras-chave: Gênero. Infância. Cinema. Educação.

1. INTRODUÇÃO

Infância, cinema e gênero são temas centrais desse estudo que tem como objetivo apresentar uma experiência metodológica para as práticas corporais na escola a partir do uso de filmes. Crianças são seres históricos que se constituem nas relações sociais e a dimensão sócio-histórica dos conhecimentos precisa ser considerada nas práticas educativas. Segundo Ayoub (2001) a escola, como espaço aberto ao conhecimento e responsável pela sistematização do mesmo, deve estar atenta às inovações. Ferrari e Castro (2012) apontam a utilização de mídias visuais no universo educacional, entendendo e trabalhando com a perspectiva de educação como algo que vai além do que acontece nas salas de aula, nas escolas, nos currículos, nas práticas de formação docente, ampliando o debate para outros ambientes, no caso em pauta o cinema, que é exemplar em recursos cenográficos, possuindo o poder de conduzir o espectador. De acordo com Silva (2006) o cinema, muitas vezes, é considerado simples aparato técnico, deixando oculto o modo como as imagens que veiculam se entrelaçam com nossas práticas docentes. O uso do cinema, na maioria das vezes, é reduzido ao conceito de recurso audiovisual, deixando assim de adentrar as várias janelas contidas como a própria arte, a cultura, a estética, a sociedade e até mesmo a contextualização econômica e política que ele abriga e veicula.

Desde os tempos bem remotos, a humanidade transmite e ensina valores e conhecimentos contando histórias. É através de narrativas que prendem a atenção do espectador juntamente com imagens e maior realismo que o cinema

* Mestranda em Educação Física – FAEFID – UFJF; E-mail: tayane_mockdece@hotmail.com

** Mestre em Educação Física – GEFSS – UFJF; E-mail: cxcorrea@yahoo.com.br

interage na produção de saberes e crenças interferindo na visão de mundo de um grande contingente de pessoas assumindo desta maneira caráter pedagógico (DUARTE, 2009).

De acordo com Raimundo Martins e Pablo Sérgio:

A cultura visual é um campo emergente e transdisciplinar que se fundamenta no princípio de que as práticas do ver são construídas social e culturalmente. Considerando o alargamento, a vitalidade e a pregnância dessas práticas, a cultura visual discute impactos e implicações das experiências do ver e servisto na contemporaneidade. (MARTINS; SÉRVIO, 2011, p.4).

Portanto, é fundamental reconhecer o papel que o cinema exerce na formação dos sujeitos, bem como a necessidade de tomarmos a cultura visual como um recurso pedagógico, conforme questiona Ferrari e Castro:

Podemos pensar sobre o papel das imagens e dos discursos na educação do olhar, nos convidando a questionar sobre as práticas culturais que educam o nosso olhar e sobre os efeitos desse olhar sobre quem olha. Como cada vez mais em nossa sociedade há um investimento nas produções audiovisuais com o propósito de educar, de informar e de formar os sujeitos? Como essas práticas de investimento nas produções de Cultura Visual estão educando o nosso olhar? Há um discurso que é construído tanto através das imagens como das falas, que vai complementando o que aparece para o espectador. (FERRARI; CASTRO, 2012, p.14).

Sendo assim, os filmes podem servir como base para discussão de diversas temáticas, atingindo objetivos diversos, no caso desta experiência específica, as questões de gênero na infância.

Ancorada em uma produção dos Estúdios Disney, o filme *Valente* lançado em 2012 com o título original *Brave*, foi apontado como o primeiro conto de fadas dos Estúdios Pixar a ter como protagonista uma personagem mulher e também a contar com uma mulher diretora na produção.

Também fez parte desta experiência vincular a atividade fílmica às práticas corporais nas aulas de

Educação Física na escola participante. Essas práticas, como serão abordadas ao longo do texto, privilegiaram atividades de participação conjunta de meninas e meninos.

O filme traz como protagonista a princesa Merida, que demonstra padrões e comportamentos inesperados para uma menina de família real. Arqueira por gosto pessoal e incentivo do pai, não aceita propostas de casamento arranjadas pela mãe autoritária e tradicional. Certa de seus princípios e daquilo que pretende para sua vida futura, convence aos três pretendentes a príncipes que o casamento não deve ser uma imposição, e sim uma decisão pessoal. A princesa, bastante independente e de comportamento ousado para uma menina, apresenta dotes na cavalaria, nas lutas e, de igual para igual, enfrenta seus oponentes. Certamente este filme contraria as normas de uma sociedade patriarcal, como a ocidental, apresentando uma princesa sem príncipe na cena final. Meninas de uma nova geração?

2. CENA UM – CONHECENDO *VALENTE*

Para a investigação do tema proposto, contamos com a participação de aproximadamente setenta crianças do segundo ano do ensino fundamental de uma escola particular na região central de Juiz de Fora, MG. A maioria dos participantes tinham oito anos de idade e eram de ambos os sexos. Após tomarem seus assentos no auditório da escola, *play*, a aventura começou!

Nos noventa minutos de ação foram observados diversos comportamentos nas crianças: risos, euforia, momentos dramáticos, cômicos e de suspense, interação com a narrativa, quase um diálogo com os personagens, ou seja, total envolvimento e motivação com a exibição fílmica. Fischer (2008) questiona a respeito da forma como as imagens apresentadas pela mídia, sobre sexualidade, pobreza, beleza, juventude, criminalidade, nos educam e produzem nossas subjetividades.

Os meninos se sentiam príncipes, embora deixados em segundo plano na história, enquanto as meninas se deliciavam com as peripécias e o poder atribuídos à princesa que atua num papel fora do convencional. Ousadia, quebra de decoro, desobediência materna, cabelos ao vento, vestes largas, abstenção ao uso da coroa real... cavalgando velozmente pelas florestas em posse de seu arco e flecha certos.

O cinema não se configura apenas uma arte de figuras do tempo e do espaço, figuras do mundo exterior, mas principalmente uma arte das grandes figuras da humanidade em ação, um tipo de cena universal da ação. São formas fortes e encarnadas, dos valores que se discutem em um dado tempo (FISHER 2008). O espectador é chamado a completar as cenas, a pensar junto com os personagens, no caso que nos interessa aqui, em relação às suas próprias opções de vida e papéis de meninos e meninas, de relações de gênero e de usos do próprio corpo.

3. CENA DOIS – CONTANDO VALENTE

Após a exibição do filme, e em clima de aventura, as crianças foram estimuladas a relatar de forma espontânea o que acharam da história, respondendo, assim, a algumas questões colocadas pelas pesquisadoras.

As opiniões dos participantes foram divergentes em relação à questão central do filme. Enquanto alguns meninos ainda possuíam uma opinião tradicional, ancorada nos costumes patriarcais nos quais a figura masculina é detentora do poder e da razão, outros já se encontravam abertos para novas formas de pensar, nas quais as diferenças entre meninos e meninas não se excluem, mas se complementam, conforme as falas retratadas abaixo:

Relato dos meninos: “[...] *Merida não é uma princesa, não se comporta, fala com a boca cheia.*” “[...] *Toda princesa deve ter um príncipe, senão será sempre*

solteira!” “[...] *Merida não se veste como princesa, o cabelo é feio, não tem coroa.*”

[...] *Achei ótimo a princesa não ter casado, os príncipes eram feios, era o desejo dela não casar.*” “[...] *ela queria ter liberdade para aproveitar a vida.*” “[...] *Não conheço nenhuma princesa como Merida, pois ela é valente.*”

As respostas das meninas retratam um gosto pela liberdade, independência e autonomia propostas pela princesa. O curioso é que mesmo não apresentando padrões estéticos e de comportamentos condizentes com uma princesa, as meninas reconhecem sua beleza peculiar, seu charme e sua atitude. Há uma sensação de “poder” atribuída ao sexo feminino durante a trama. Entretanto, algumas meninas ainda reforçam a importância de se manterem o padrão clássico de uma princesa, no qual são usuais vestidos longos e elegantes, coroa, flores, comportamento e atitude elegantes e imponentes. Em estudo sobre o perfil de feminilidade em sua família através da História Oral, Escoura (2008) constatou que as chamadas “moças de família” almejam um par romântico, se casarem e serem felizes para sempre, como no filme *Cinderela*. Segundo os resultados da pesquisa, uma “boa moça” deve ser recatada, não namorar muitos rapazes, possuir dotes culinários, saber se comportar como uma verdadeira “dama”.

Apresentamos abaixo alguns recortes dos relatos espontâneos das meninas:

“A princesa não precisa de príncipe [...] Liberdade [...]” “[...] *Ótimo, porque ela queria ter liberdade para ser feliz, desejo dela e não dos pais, os príncipes são feios.*” “[...] *Gostei muito do filme porque é a primeira vez que vejo uma princesa valente*” “[...] *Achei legal, pois ajuda a respeitar a opinião dos outros* [...]”

[...] *Uma princesa deve ser feliz, se comportar, obedecer, dar boas vindas, não usar armas, ter bondade* [...]” “[...] *O jeito de Merida se vestir é desleixado, não usa coroa* [...]” “[...] *Nenhuma outra princesa se parece com*

Merida. “[...] *Os príncipes do filme são feios, horrorosos, descabelados – um verdadeiro príncipe deve ser bonito, magro, loiro, deve ter espada, ser forte, rico [...]*”

Além das impressões sobre o comportamento da princesa Merida, de sua aparência, dos príncipes e do desfecho da trama, outra questão chamou a atenção dos participantes: a sexualidade que aparece de forma sutil, mas foi percebida pelos olhares atentos dos espectadores mirins:

“[...] Não gostei dos irmãozinhos da Merida pelados [...]” (menino).

“[...] Eu gosto quando o pai da Merida tampa o peito da mãe.” (menina)

O cinema segue as tendências da atualidade, produzindo filmes cada vez menos “infantis” para as crianças. As falas dos personagens, a trama em torno da maldade da filha com relação à mãe, o nu que aparece não de maneira explícita, são traços de uma juventude cada vez mais precoce e informada. As implicações contundentes da mídia e do consumo têm produzido sujeitos distintos daqueles das gerações anteriores. “As crianças são ameaçadas por tudo isso e, ao mesmo tempo, consideradas muito “sabidas” e, então, “perigosas”, pois passam a conhecer e a fazer, muito cedo, coisas demais. Para muitos elas não são, do ponto de vista sexual, “suficientemente infantis”. (EPSTEIN; JOHNSON, 1998, p.120 *apud* LOURO, 2001 p.27).

4. CENA TRÊS – REPRESENTANDO VALENTE

No terceiro momento de nossa experiência, as crianças foram convidadas a desenhar a parte que mais gostaram do filme. Segundo Correa e Mourão (2012), em estudo com análises de desenhos para o mesmo segmento escolar, o ato de desenhar favorece e estabelece uma rápida e fácil afinidade com a criança. Os desenhos expressam sutilezas do intelecto e afetividade, estão além do poder ou liberdade de expressão

verbal e retratam o modo de vida da criança. As autoras acrescentam ainda que, quando desenham, as crianças expressam todo seu sentimento pessoal, revelam claramente as experiências vividas, transmitindo desta maneira como se percebem e veem o mundo.

Chamou atenção na análise dos desenhos das meninas, a quantidade de cores e detalhes: o dia sempre ensolarado com o céu azul, arco-íris, corações e borboletas. É interessante destacar que mesmo com o conflito estabelecido entre mãe e filha, as meninas retrataram os poucos momentos felizes entre elas, fazendo referência também aos irmãos. Em momento algum a figura do pai é representada, assim como a dos príncipes.

Observou-se que as meninas estabeleceram uma estreita relação com a princesa Merida, não apenas pelos longos cabelos ruivos ao vento, ou pelas suas vestimentas, mas principalmente por sua forte personalidade e coragem ao enfrentar a sua mãe e todo o reino. As crianças perceberam claramente uma mudança de conduta expressada pela princesa que, na maioria dos outros contos de fada, são vistas como seres frágeis e dependentes de seus pais e príncipes encantados.

No caso dos meninos, a protagonista também está presente na maioria dos desenhos, entretanto os mesmos retratam os diversos momentos de ação, conflito e combate entre a protagonista e seus oponentes do filme. Observou-se também muitos desenhos nos quais a figura do rei era destacada em momentos de batalha, sempre com a espada na mão. Outra cena bastante ilustrada pelos meninos traz a protagonista cavalcando na floresta acertando suas flechas em inúmeras árvores de diversos tamanhos, demonstrando sua agilidade e desempenho, ou seja, os meninos vêem e valorizam uma figura feminina desempenhando um papel socialmente determinado aos príncipes, reis e cavaleiros. Meninas e meninos de uma nova geração?

De acordo com Souza e Altmann (1999), não se devem desprezar as diferenças físicas entre homens

e mulheres, mas é a partir destas que outras sociais e culturais são construídas. Gênero, então, é entendido como uma construção social que uma determinada cultura elege em relação a homens e mulheres.

5. CENA QUATRO – EXPERIMENTANDO VALENTE

A concretização metodológica deste projeto acontece neste quarto momento, que traz para a escola o cinema nas aulas de Educação Física. Sua composição exigiu reflexões que permitiram novos olhares para a Educação Física Escolar que, neste caso, acontece nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Educar é sempre a ação de colocar uma teoria do conhecimento em prática. Torna-se fundamental neste início de século impulsionarmos para uma reflexão acerca de que educação precisamos e que sociedade queremos formar. A prática educacional proposta por esta experiência pretende revelar o real valor do conhecimento, fazendo emergir aprendizagens significativas individuais e coletivas, de meninos e meninas.

Neira (2006) propõe para a Educação Física escolar uma concepção construtivista de aprendizagem na qual o componente lúdico deve ser valorizado e os conhecimentos de ordem conceitual, atitudinal e procedimental devem ser mobilizados. O construtivismo considera o desenvolvimento como sendo um processo contínuo, que depende da ação do sujeito e de sua interação com os objetos. O aspecto central dessa proposta é valorizar e favorecer o crescimento do sujeito por seus próprios meios, oferecendo condições para que isso aconteça. Entende-se dessa forma que a prática pedagógica da Educação Física deve proporcionar o desenvolvimento de competências, levando o aluno a tomar decisões frente às questões, mobilizar recursos individuais para superar os desafios e saber agir em consonância com a problemática.

A formação do educando está centrada na educação para a cidadania, destacando-se as questões morais e éticas tão urgentes para essa nova geração. Vale destacar que a função pedagógica da Educação Física é a ampliação da cultura corporal de movimentos e que o trabalho com o movimento contempla a multiplicidade de funções e manifestações do ato motor, propiciando um amplo desenvolvimento de aspectos específicos da motricidade das crianças abrangendo uma reflexão acerca das posturas corporais implicadas nas atividades cotidianas, bem como na construção de relações entre seus pares.

Utilizando desse suporte teórico metodológico, organizamos atividades práticas com as crianças baseadas no filme que assistiram. Como grande parte da história acontece em uma floresta, levamos os alunos a um bosque para realizarmos diversas ações. Nesse momento, a imaginação e a fantasia tomaram conta da aula de Educação Física como nos lembra Freire:

Viajando pela fantasia, a criança vai longe. Conhece coisas que nós, adultos, já vivemos e esquecemos, e muitas vezes vai além de quase todos os adultos. No entanto, há pessoas mais velhas que enveredam pela ficção, e são capazes de trazer de lá conhecimentos que revolucionam o mundo. É uma pena que os homens quase sempre se esquecem de suas fantasias e sonhos. (FREIRE, 1989, p.37)

Mergulhados na imaginação, as crianças percorreram várias trilhas no intuito de caçarem os ursos. Encontraram pegadas, ouviram ruídos, correram de medo, se esconderam, ajudaram-se mutuamente nas subidas e descidas das trilhas e finalmente se salvaram da caçada, afinal, enquanto foram para um lado do bosque, os ursos escaparam pelo outro. “... *deveríamos ter criado uma estratégia para não deixarmos os ursos escaparem*” “... *se tivéssemos nos divididos em dois grupos, cada um ia para um lado e pegaríamos os ursos...*”, comentaram os alunos.

Após esse momento inicial, os alunos, em duplas de meninas e meninos, deveriam transportar uma bexiga

contendo a poção mágica que quebraria o feitiço da história. Para tal, deveriam acertar o alvo e à medida que a bexiga estourasse o efeito do feitiço seria quebrado. Finalmente de posse do arco e flecha, instrumento favorito da protagonista do filme, as crianças tiveram a possibilidade de vivenciar uma prática incomum no ambiente escolar. Lançaram as flechas em alvos diversos e incorporaram a personagem do filme, vitoriosa por excelência nesta prática corporal.

A educação física infantil pode configurar-se como um espaço em que a criança brinque com a linguagem corporal, com o corpo, com o movimento, alfabetizando-se nessa linguagem. Brincar com a linguagem corporal significa criar situações nas quais a criança entre em contato com diferentes manifestações da cultura corporal, tendo em vista a dimensão lúdica como elemento essencial para a ação educativa na infância. (AYOUB, 2001, p.56-57).

Após essa vivência prática, conversamos com as crianças sobre as atividades realizadas apontando para o fato das tarefas terem sido realizadas conjuntamente entre meninos e meninas valorizando esta ação coletiva, cooperativa e inclusiva.

O objetivo central desta experiência foi trazer para o debate com as crianças as questões de gênero, nas quais as relações desiguais entre os sexos devem ser superadas por um convívio harmonioso e cooperativo nas quais essas diferenças se complementem. Acredita-se que a construção desse conceito seja urgente, devendo iniciar na infância onde a construção de sua identidade pode ser ajudada pela escola como participante na construção do sujeito.

A produção dos sujeitos é um processo plural e também permanente. Os sujeitos estão implicados e são participantes ativos na construção de suas identidades. Se múltiplas instâncias sociais, entre elas a escola, exercitam uma pedagogia da sexualidade e do gênero, isto poderá contribuir para uma desconstrução das representações que engessam as identidades do sujeito e contribuem para um processo de exclusões e discriminações. (LOURO, 2001, p.25)

Caminhando para a finalização desta experiência podemos afirmar que obtivemos um resultado positivo e motivador. Nossa ação poderá contribuir para que novas posturas pedagógicas sejam implementadas nas aulas de Educação Física escolar. Especialmente as questões relativas ao gênero de alguma forma foram remexidas com as crianças, ainda que de forma sutil, certamente muitas outras ficaram ainda por discutir. Esse foi o primeiro passo, o início de uma trajetória na qual se pretende mudança de valores, renovações metodológicas, algo que somente é possível com persistência e longo prazo, foi dada a largada!

PLAY! THE ADVENTURE JUST STARTED! CINEMA, PHYSICAL EDUCATION, CHILDHOOD: AN EXPERIMENT AT SCHOOL

Abstract

The purpose of this paper is to reflect about gender relations in childhood, from a film narrative. The experience has explored a movie known as "Brave". The objective was to show how culture can be thought beyond body representations, childhood and gender. The production is about a princess who does not follow standards and expected behaviors from royalty. Girls from a new generation? From this query, four activities have been proposed for P.E. classes: to know, to tell, to represent and to experiment "Brave". In all those moments, the kids reported their remarks about the movie spontaneously. There is room for a new generation of boys and girls, in which gender will not be a difficulty for the girls' options, behaviors or opportunities. Welcome male and female archers of the XXI century.

Keywords: Gender. Childhood. Cinema, Education.

**PLAY! LA AVENTURA SE HA EMPEZADO!
CINE, EDUCACIÓN FÍSICA, NIÑEZ: UNA
EXPERIENCIA EN LA ESCUELA.**

Resumen

El presente trabajo tiene como objetivo reflexionar acerca de relaciones de género en la niñez, a partir de una narrativa fílmica. La experiencia explotó una película conocida como “Valente”. El objetivo fue señalar como un producto cultural puede ser pensado más allá de interpretaciones y de representaciones de cuerpo, niñez y género. La producción trae una niña que no se encuentra en los padrones y comportamientos esperados de una niña de la realeza. ¿Niñas de una nueva generación? A partir de ahí, se propusieron cuatro secuencias de actividades para las clases de educación física: conociendo, contando, representando y experimentando Valente. En estos momentos distintos, los niños relataron, espontáneamente, sus observaciones acerca de la película. Se observó un espacio para la nueva generación de niñas y niños en que las barreras de género no restringirán las opciones las niñas, los comportamientos y las oportunidades. Bienvenidos arqueros y arqueras del siglo XXI.

Palabras clave: Género. Niñez. Cine. Educación.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H.; SOUSA, E. S. Meninos e meninas: Expectativas e implicações da Educação Física Escolar. Cadernos Cedes ano XIX, número 48, 1999.

AYOUB, Eliana. Reflexões sobre a Educação Física na Educação Infantil. Revista Paulista de Educação Física. São Paulo, supl. 4, p.53-60,2001.

ARROYO, Miguel. Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres. Petrópolis: Vozes, 2004

BOURDIEU, P. A dominação masculina. Educação e Realidade, v.20, no 2. Porto Alegre, 1995

CORREA, Cláudia Xavier. MOURÃO, Ludmila. A ginástica geral representada por desenhos infantis. In: Anais do VII Fórum Internacional de Ginástica Geral. (org.) TOLEDO, E; AYOUB, E; BORTOLETO, M. A.C; PAOLIELLO, E. Campinas, SP: FEF/UNICAMP, 2012.

DUARTE, Rosália. Cinema e Educação. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ESCOURA, M. Moças de família: gênero e relações de parentesco. Revista de iniciação científica da FFC, v. 8 p.351-365, 2008

FERRARI, Anderson, CASTRO, Roney Polato de. Política e poética das Imagens como processos educativos. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2012.

FILHO, João Freire, LEMOS, João Francisco de. Imperativos de conduta juvenil no século XXI: a “Geração Digital” na mídia impressa brasileira. São Paulo: Revista Comunicação Mídia e Consumo vol. 5 n.13 p.11-25, jul. 2008.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Imagens da mídia educação e experiência. In: Liga, Roda, Clica: estudos de mídia, educação e cultura. FANTIN. Monica; GIRARDELLO, Gilka (Orgs.). Coleção Ágere. Campinas, SP: Papirus, 2008.

_____. Pequena Miss Sunshine: para além de uma subjetividade exterior. Campinas. Pro-Posições, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008.

FREIRE, João Batista. Educação de corpo inteiro. Editora Scipione. 1989.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós- estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. O corpo educado: pedagogia da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOVISI, Ayra, MOURÃO, Ludmila. Corpo e Gênero: na tela com Billy Elliot. In: FERRARI, Anderson, CASTRO, Roney Polato de. Política e poética das Imagens como processos educativos. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2012.

MARTINS, Raimundo; SÉRVIO, Pablo Petit Passos. Educação da cultura visual e diferença cultural: Intrepretações do VT publicitário *Birdman* (Coca Cola). Revista Digital do LAV, Santa Maria, ano IV, n.6, p.1-21, 2011.

NEIRA, Marcos Garcia. Educação Física: desenvolvendo competências. São Paulo: Phorte, 2006.

NOGUEIRA, Paulo Henrique de Queiroz, MIRANDA, Shirley Aparecida de (org.) Miguel Arroyo: educador em diálogo com nosso tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Porto Alegre: Educação e Realidade, v.20, n.2, p.71/99, jul./dez. 1995.

SILVA, Maria do Rosário Azevedo. O uso do cinema no espaço pedagógico: um olhar além das telas na construção do conhecimento. Trabalho de conclusão de curso – Faculdade de Pedagogia, Universidade Federal de Pernambuco, PE, 2006.

Enviado em 30 de janeiro de 2014.

Aprovado em 21 de maio de 2014.